

## O contato com o esporte paralímpico como um meio para a mudança de percepção de crianças em relação às pessoas com deficiência

### Contact with Paralympic sport as a means to change children's perception of people with disabilities

## El contacto con el deporte paralímpico como medio para cambiar la percepción que tienen los niños de las personas con discapacidad

Doralice Lange de Souza, Jackeline Colere, Yasmin Vicente Vieira  
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

**Resumo.** O objetivo deste estudo, de cunho qualitativo e exploratório, foi o de verificar se o contato indireto com pessoas com deficiência (PCD), através de materiais midiáticos relacionados ao esporte paralímpico, pode mudar a percepção de crianças a respeito destas pessoas. Entrevistamos 18 crianças de 6 a 12 anos, sendo que 13 foram entrevistadas em um grupo focal e 5 individualmente. Primeiramente solicitamos que as crianças escrevessem em um papel as primeiras cinco palavras que viessem à sua mente quando ouviam a expressão «pessoa com deficiência». Em seguida conduzimos uma entrevista semiestruturada visando explorar com mais profundidade o que elas haviam escrito. Depois, mostramos dois vídeos que continham imagens de PCD realizando com sucesso atividades cotidianas, profissionais, artísticas, e principalmente, esportivas. Na sequência, repetimos a dinâmica das cinco palavras e realizamos uma nova entrevista a fim de verificar se houveram mudanças na percepção das crianças. Antes dos vídeos, todos os entrevistados, exceto dois, manifestaram uma visão focada nas deficiências e/ou nas tecnologias assistivas utilizadas pelas PCD. Eles expressaram uma percepção baseada em três estigmas usualmente associadas com estas pessoas: de que elas são «deficientes», «incapazes» e «coitadinhas». Depois dos vídeos, todos expressaram um entendimento mais positivo a respeito das PCD, com um foco maior nas capacidades do que as supostas limitações delas. Este estudo indica que produções tais como as que mostramos às crianças podem ser utilizados como recursos pedagógicos para problematizar preconceitos e estigmas normalmente relacionados às PCD, promovendo uma percepção mais positiva das mesmas.

**Palavras chave:** Pessoa com deficiência. Esporte paralímpico. Percepção. Crianças. Mídia. Estigma. Contato indireto.

**Abstract.** The objective of this study, of a qualitative and exploratory nature, was to verify whether an indirect contact with people with disabilities (PWD), through media materials related to Paralympic sport, can change children's perception of these people. We interviewed 18 children from six to 12 years old, 13 of whom were interviewed in a focus group and 5 individually. First, we asked the children to write on a sheet of paper the first five words that came to mind when they heard the expression «person with a disability». Afterwards, we conducted a semi-structured interview in order to explore more deeply what they had written. Subsequently, we showed two videos that contained images of PWD successfully carrying out daily, professional, artistic, and mainly, sporting activities. Then, we repeated the five words dynamic, and conducted a new interview in order to check if there were changes in the children's perception. Before the videos, all interviewees, except for two, expressed a vision focused on the deficiencies and / or assistive technologies used by PWD. They also expressed a perception based on three stigmas usually associated with these people: that they are «disabled», «incapable» and «poor things». After the videos, all of them expressed a more positive understanding of PWD, with a greater focus on their capabilities than on their supposed limitations. This study indicates that materials such as the ones we showed children can be used as pedagogical resources to problematize prejudices and stigmas normally related to PWD, so that we can promote a more positive perception of them.

**Keywords:** Person with disability. Paralympic Sports. Perception. Children. Media. Stigmas. Indirect contact.

**Resumen.** El objetivo de este estudio, de carácter cualitativo y exploratorio, fue verificar si el contacto indirecto con personas con discapacidad (PCD), a través de materiales mediáticos relacionados con el deporte paralímpico, puede cambiar la percepción que los niños tienen de estas personas. Entrevistamos a 18 niños de seis a 12 años, 13 de los cuales fueron entrevistados en un grupo focal y 5 individualmente. Primero, les pedimos a los niños que escribieran en un papel las primeras cinco palabras que les vinieron a la mente cuando escucharon la expresión «persona con discapacidad». Luego realizamos una entrevista semiestruturada con el fin de explorar más profundamente lo que habían escrito. A continuación, mostramos dos videos que contenían imágenes de PCD realizando con éxito actividades cotidianas, profesionales, artísticas y, sobre todo, deportivas. Luego, repetimos la dinámica de las cinco palabras y realizamos una nueva entrevista para comprobar si hubo cambios en la percepción de los niños después de los videos. Antes de los videos, todos menos dos encoestados expresaron una visión centrada en las deficiencias y / o tecnologías asistenciales utilizadas por el PCD. También expresaron una percepción basada en tres estigmas generalmente asociados a estas personas: que son «discapacitados», «incapaces» y «pobre». Después de los videos, todos los niños expresaron una comprensión más positiva de la PWD, con un mayor enfoque en las capacidades que en sus supuestas limitaciones. Este estudio indica que producciones como las que mostramos a los niños pueden utilizarse como recursos pedagógicos para problematizar prejuicios y estigmas normalmente relacionados con la CPD, con el fin de promover una percepción más positiva de los mismos.

**Palabras clave:** Persona discapacitada. Deporte paralímpico. Percepción. Niños. Medios de comunicación. Estigma. Contacto indirecto.

---

Fecha recepción: 29-01-21. Fecha de aceptación: 19-04-21

Doralice Lange de Souza  
doralicelange@gmail.com

## Introdução

A sociedade tende a julgar os indivíduos de acordo com a sua raça, sexualidade, religião, saúde e padrões de beleza pré-estabelecidos. Aqueles que se afastam de padrões hegemônicos tendem a sofrer de preconceitos e/ou estigmas. Vale ressaltar que utilizamos aqui os conceitos de «estigma» e «preconceito» concomitantemente. Embora eles derivem de diferentes tradições teóricas, eles são similares e complementam um ao outro (Phelan, Link, & Dovidio, 2008).

O conceito de estigma deriva do trabalho de Goffman (1963). Estigma, segundo o autor, é uma marca negativa que se atribui aos indivíduos que possuem uma ou mais características consideradas fora da normalidade. Aqueles que são estigmatizados normalmente são percebidos a partir de suas marcas. Ou seja, eles são vistos a partir de suas diferenças e supostas «anormalidades» e «problemas». Logo, os indivíduos supostamente «anormais» tendem a ficar inabilitados para uma aceitação social plena (Goffman, 1963). Este conceito tem sido aplicado majoritariamente na área da saúde quando se refere a questões relacionadas à pessoas com distúrbios mentais, deficiência física, dismorfismos, AIDS, etc. (Parker, 2012; Phelan et al., 2008). Já o conceito de preconceito deriva do trabalho de Allport (1954) e, embora inicialmente vinculado à questões raciais e étnicas, com o tempo passou também a ser utilizado para balizar discussões relacionadas com questões de gênero, classe social, idade, delinquência, dentre outras temáticas. Ambos os conceitos de estigma e preconceito são frutos de construções sociais, localizadas em determinados contextos históricos e culturais, e possuem em comum o fato de tratarem de situações em que se desvaloriza o outro ou grupos de outros por eles fugirem de determinados padrões hegemônicos de normalidade (Phelan et al., 2008). Ambos geram ações discriminatórias e exercem um papel importante em situações de poder, controle e exclusão social (Parker, 2012).

O preconceito e o estigma fazem com que se evite o contato com o «outro» ou com que se mantenha este contato em um nível superficial (Binder et al., 2009). Conforme apontou Allport já há mais de 60 anos (Allport, 1954), existe um recurso que pode ser utilizado para amenizar este problema: o contato com o «outro» ou «grupo de outros». Este pode ajudar a reduzir a estigmatização, preconceito e marginalização, desde que ocorra dentro de algumas condições: que se tenha me-

tas comuns; colaboração; status social equivalentes e suporte institucional (ex. leis, costumes, autoridade). O contato nestas circunstâncias pode gerar conhecimento sobre o outro, pode ajudar a reduzir a ansiedade em relação às diferenças do mesmo e pode gerar um senso de empatia. Vários outros estudiosos (ex. Binder et al., 2009; Dovidio, Eller, & Hewstone, 2011; Pettigrew & Tropp, 2006; Pettigrew, Tropp, Wagner, & Christ, 2011) vieram a confirmar esta pressuposição que passou a ser conhecida como «hipótese do contato» ou «teoria do contato» entre grupos.

O contato com o outro não precisa ser necessariamente direto para produzir mudanças de percepção. Ele pode se dar, por exemplo, através de livros (Vezzali, Stathi, & Giovannini, 2012) ou através da mídia (programas de televisão, filmes e documentários) (Ortiz & Harwood, 2007; Park, 2012; Schiappa, Gregg, & Hewes, 2005). O contato indireto pode ser o primeiro passo para a remoção de inibições associadas a preconceitos existentes e para preparar as pessoas para se envolverem diretamente e mais abertamente com grupos externos (Crisp & Turner, 2009; Pettigrew et al., 2011; Tropp, 2005).

Dentre os diferentes grupos de pessoas estigmatizadas, encontram-se as pessoas com deficiência (PCD). A mídia é um importante meio de difusão de informações a respeito destas pessoas (Ellis & Goggin, 2015) e para a promoção de um contato – mesmo que indireto – com as mesmas (Ortiz & Harwood, 2007; Park, 2012; Schiappa et al., 2005). No entanto, a forma como ela vem tradicionalmente retratando as PCD vem contribuindo para com a perpetuação de mitos sociais negativos sobre a deficiência (Silva & Howe, 2012) e para com um processo de estigmatização destas pessoas (Ellis & Goggin, 2015; Silva & Howe, 2012).

Se por um lado a mídia pode reforçar a estigmatização das PCD, ela pode também contribuir para com a quebra de preconceitos. Materiais midiáticos relacionados com o esporte paralímpico - e mais especialmente, relacionados com o Jogos Paralímpicos, considerando que estes tendem a receber uma maior cobertura do que outros eventos relacionados com este tipo de esporte - oferecem oportunidades significativas de se desafiar estereótipos negativos e de se influenciar a mudança de atitudes em relação às PCD (Darcy, 2018; Darcy & Appleby, 2011; Hodges, Jackson, Scullion, Thompson, & Molesworth, 2014; Maika & Danylchuk, 2016; Misener, McPherson, McGillivray, & Legg, 2019; Souza, Marques, & Fermino, 2020; Souza & Brittain, 2020).

Os autores citados logo acima, entre outros, investigaram o impacto da mídia na percepção das pessoas a respeito das PCD durante os Jogos Paralímpicos e/ou durante outros grandes eventos paradesportivos. No entanto, conseguimos localizar apenas uma pesquisa de caráter acadêmico (Coates & Vickerman, 2016) que envolveu crianças e adolescentes para investigar este tópico. Considerando esta lacuna na literatura e a importância de se educar, já desde cedo, as crianças para uma sociedade menos preconceituosa e mais inclusiva, desenvolvemos um estudo com o objetivo de verificar se o contato indireto com PCD através de materiais midiáticos relacionados com o esporte paralímpico pode interferir com a percepção delas a respeito das PCD.

Tivemos como intuito gerar conhecimentos que podem afirmar – ou não – a eficácia do contato indireto como um meio de ajudar na redução de preconceitos em crianças. Este estudo se faz importante uma vez que, conforme apontam Ellis & Goggin (2015), muitos não têm a oportunidade de ter um contato direto com PCD. A estimulação deste tipo de contato se faz especialmente importante em países e/ou localidades onde as PCD continuam segregadas em várias instâncias seja por questões sociais ou culturais e seja por fatores econômicos e falta de acesso à recursos tais como cadeiras de rodas, próteses, rampas, pisos táteis e pessoas dispostas a mudar esta realidade. No caso do Brasil, por exemplo, embora este país tenha uma legislação avançada no sentido de promover os direitos das PCD e a sua inclusão no mercado de trabalho e outras esferas sociais, a implementação de políticas públicas neste sentido ainda é incipiente (Kirakosyan, 2016), o que dificulta o contato direto de grande parte da população com PCD.

Se confirmada a hipótese de que o contato indireto com PCD através de materiais midiáticos, se promovido em condições adequadas, pode gerar uma percepção mais positiva em crianças acerca dos potenciais e capacidades das PCD, este tipo de contato pode ser melhor explorado como um recurso educacional para este fim.

## Métodos

O estudo foi qualitativo e exploratório e envolveu duas dinâmicas. Ao todo participaram 18 crianças, dentre elas, dois meninos e 16 meninas, de seis a 12 anos. Inicialmente conduzimos um grupo focal (GF) com treze crianças. Optamos por esta dinâmica uma vez que ela facilita a construção de ideias sobre uma mesma temática a partir da contribuição simultânea de vários participantes. Mas ao mesmo tempo em que a construção

coletiva de ideias tende a ser produtiva, ela pode também inibir a manifestação e/ou o aprofundamento de algumas opiniões (Dilshad & Latif, 2013). Para compensar estas limitações do GF, conduzimos também entrevistas individuais com cinco crianças que não haviam participado do grupo e que não conviviam com os participantes do GF. Pudemos assim explorar em profundidade a perspectiva particular de cada uma delas, sem a interferência de colegas. As mesmas dinâmicas foram aplicadas tanto com as crianças que participaram do GF quanto com as que foram entrevistadas individualmente. Algumas das características dos participantes desta pesquisa podem ser verificadas na tabela 1.

Tabela 1.  
Caracterização dos participantes

Nome	Idade	Sexo	Entrevista
Alice	6	F	GF
Beatriz	9	F	GF
Carol	7	F	GF
Eli	7	F	GF
Ge	7	F	GF
Gui	9	M	IND
Isis	6	F	GF
Ingrid	10	F	IND
Isabel	9	F	GF
Jane	8	F	GF
Jade	10	F	GF
Jamily	10	F	IND
Kamily	7	F	GF
Mely	9	F	GF
Michele	10	F	GF
Naty	9	F	IND
Renata	10	F	GF
Gadriel	12	M	IND

Nota. Utilizamos as seguintes abreviaturas: feminino (F), masculino (M), grupo focal (GF), individual (IND).

A seleção dos participantes teve como critérios: idade entre seis e doze anos, assentimento da criança para participação no estudo e consentimento formal por parte de um dos pais ou responsável para a participação dela na pesquisa. As crianças que participaram do GF eram de uma turma que praticava Ginástica Artística, em um projeto da prefeitura de Campina Grande do Sul, uma cidade pequena nos arredores de Curitiba, Paraná, com aproximadamente 43.685 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020) que fica a 840 KM do Rio de Janeiro, local onde foram realizados os Jogos Paralímpicos em 2016. A segunda autora era professora das crianças no projeto. Foi ela quem realizou as entrevistas, o que facilitou com que elas se sentissem à vontade para expressar as suas ideias. As crianças que foram entrevistadas de forma individual eram também conhecidas da entrevistadora. Nenhum dos participantes havia conversado com ela sobre assuntos ligados ao objeto de pesquisa em pauta.

Tanto no GF quanto nos encontros individuais, iniciamos a dinâmica solicitando que as crianças rapidamente escrevessem em uma folha de papel cinco

palavras que viessem em sua mente quando ouviam a expressão «pessoas com deficiência». Explicamos que não haviam respostas certas ou erradas. A entrevistadora contou com a ajuda da terceira autora durante a dinâmica com o GF. Esta anotou as respostas de uma criança que ainda não sabia escrever. Logo após este procedimento, foi conduzido uma entrevista semiestruturada que teve como base as seguintes questões: (1) Você(s) gostaria(m) de falar sobre o que escreveu/escreveram? (2) Qual a sua percepção a respeito da pessoa com deficiência? (3) Você(s) conhece(m) alguma pessoa com deficiência? Se positivo, como acha(m) que é a o cotidiano das pessoas com deficiência? (4) Você(s) acha(m) que pessoas com deficiência podem praticar esporte? Estas questões foram adaptadas, alteradas e aprofundadas no decorrer das entrevistas conforme a necessidade.

A seguir mostramos o vídeo «We are the superhumans», produzido pelo *Chanel 4* no Reino Unido especialmente para promover os Jogos Rio 2016. O vídeo contém imagens de PCD em suas potencialidades, mostrando a independência dessas pessoas em seu cotidiano (trabalho, estudo, lazer, tarefas domésticas), imagens de artistas (músicos, cantores, dançarinos) e de para-atletas em diversas modalidades (ciclismo, corrida, basquete, futebol, atletismo, luta, esgrima, ginastas, escaladas, academias, entre outros). Todas aparentam ser autoconfiantes, capazes e felizes. O vídeo contém também uma música cantada em inglês discorrendo sobre as capacidades das PCD. A versão do material que utilizamos foi sem legendas e sem tradução da letra da música a fim de não interferirmos nas interpretações das crianças em relação às imagens que aparecem no vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=F65TFzyVxSU>).

Depois mostramos o vídeo «Movimento Paralímpico» produzido pelo Comitê Paralímpico Brasileiro em 2019 em sua campanha para conscientização das potencialidades da PCD no esporte. No vídeo aparecem pessoas praticando esportes (academia, corrida, natação e atletismo). Somente no final as imagens revelam que os atletas apresentados têm algum tipo de deficiência, juntamente com as frases «determinação é tudo», «movimento é tudo» e «isso é só um detalhe» – referindo-se à deficiência (<https://www.youtube.com/watch?v=balY2X5WTG4#action=share>).

Existem algumas críticas em relação ao vídeo «We are the superhumans». De acordo com esta crítica, este vídeo e materiais similares a ele (a produção

«Movimento Paralímpico» provavelmente também se encaixa nesta categoria), promovem a falsa crença de que as pessoas com deficiência podem fazer o que querem, como se determinados comprometimentos físicos, mentais e/ou estruturais não interferissem com este processo. Os autores desta crítica também alegam que este tipo de material promove o «ableism» ou «capacitismo». Ou seja, promove a valorização dos sujeitos a partir de determinadas capacidades, que nem sempre são possíveis e/ou desejáveis para todos. Isto, por consequência, pode levar à desvalorização daqueles que não atingem os mesmos tipos e/ou níveis de capacidades (Kearney, Brittain, & Kipnis, 2019). Apesar destas críticas, escolhemos estes materiais porque eles contrastam com o imaginário de que as PCD são frágeis, doentes, dependentes e incapazes (Marques, 2016; Oliveira, Poffo, & Souza, 2018; Poffo et al., 2017). Estes vídeos celebram com intensidade as capacidades das PCD.

Utilizamos os vídeos como forma de produzir um contato indireto das crianças com PCD a fim de verificar se este contato poderia auxiliar na redução de preconceitos e estigmas. Depois de mostrarmos os vídeos, solicitamos que as crianças escrevessem novamente cinco palavras que lhe vinham imediatamente à mente. A seguir, pedimos que elas falassem sobre o que escreveram. Finalmente, indagamos se o fato de elas terem assistido os vídeos havia mudado algo a respeito da sua percepção em relação às PCD.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Realizamos uma análise indutiva e temática dos dados trabalhando com os principais temas que emergiram das falas dos participantes (Braun & Clarke, 2006).

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná e os responsáveis pelas crianças assinaram um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, autorizando a participação delas neste estudo. Utilizamos pseudônimos para proteger a identidade das crianças.

## Resultados e Discussão

Dos 18 entrevistados, sete convivem ou já conviveram com PCD. Deste grupo, quatro tinham contato com avós, dois conviviam com amigos e uma tinha contato com um tio com deficiência. A Tabela 2 contém a resposta destas crianças para a dinâmica das cinco palavras antes e depois dos vídeos.

Tabela 2

Percepções das crianças que convivem com PCD antes e depois de assistirem aos vídeos

Nome e grau de aproximação da pessoa com quem convive	Antes dos vídeos	Depois dos vídeos
Alice (Avó)	Cadeirante Amputação Problema no coração Paralítico Muleta Mudo	Cadeirante Cego Mudo
	Ajudar Esforço Caráter Respeito Vontade própria	Temos que lutar por eles
Gui (Amigo de escola)	Estresse	Nada
Isis (Avó)	Amputação Cadeirante Câncer	Diabete Cadeirante Câncer Problema
	Kamily (Avó)	Cadeirante
Renata (Avó)	Demente Cadeirante Amputação Cego Paralítico	Surdo Amputação Paralítico
	Gadriel (Amigo de escola)	Cadeirante Paralítico Amputação Distúrbios mentais

Fonte: Dados da pesquisa

### Em relação à dinâmica das cinco palavras

A maioria das palavras escritas pelas crianças antes dos vídeos remetem à condição da deficiência em si. Cinco crianças citaram o termo «cadeirante», quatro citaram «amputação», três mencionaram «paralítico», dois citaram «demente/distúrbios mentais», um citou «cego» e um «mudo». Apenas uma criança mencionou atributos positivos relacionados à PCD, como por

Tabela 3

Percepções das crianças que não convivem com PCD antes e depois de assistirem aos vídeos.

Nome	Antes dos vídeos	Depois dos vídeos
Beatriz	Problema Muleta Cadeirante Câncer Depressão	Problema Muleta Cadeirante Amputação Depressão Pessoas como nós
	Carol	Amputação
Ge	Cadeirante Surdo Coisa grave	Amputação Prótese
	Isabel	Amputação Cego Cadeirante
Ingrid	Cadeirante Câncer Autismo Distúrbio mental	Praticam esportes Cegos jogam bola Cadeirante pratica esporte Amputação
	Jane	Cadeirante Muleta Cego
Jade	Pena Não faz atividade física Não pode fazer o que sonham	Podem ser independentes Praticam esportes Podem seguir seus sonhos do seu jeito Podem ser melhores que nós em algo Respeito
	Jamily	Carinho Dó Amor Consideração
Mely	Cadeirante Bengal	Faz coisas
Michele	Cego Cadeirante Amputação	Confiança Amor Alegria Capaz
	Naty	Cego Cadeirante Surdo Amputação

Fonte: Dados da pesquisa

exemplo «caráter», «vontade própria» e «esforço». Depois dos vídeos, quatro das sete crianças continuaram a escrever palavras que remetem à deficiência em si. Uma escreveu palavras reconhecendo que a PCD pode ser independente, competente e capaz de praticar esportes. Também uma criança demonstrou tanto na primeira quanto na segunda dinâmica estar consciente de que se deve apoiar e respeitar as PCD em suas necessidades.

Antes da exibição dos vídeos, as 11 crianças que não convivem com PCD escreveram 35 palavras. Dentre estas palavras, 21 diziam respeito às características físicas da PCD e/ou se referiam a tecnologias assistivas utilizadas por estas pessoas. Dentre os termos utilizados destacamos: cadeirante (9), amputação (4), cego (4), muleta (2) e surdo (2). Duas crianças utilizaram as expressões «dó» e «pena», demonstrando que percebem as PCD como vítimas de algo trágico. Duas outras expressões – «incapacidade», citada por duas crianças e «problema», mencionada por uma - se referem a limitações relacionadas ao corpo com deficiência.

Após a exibição dos vídeos, cinco crianças mantiveram o uso de expressões centradas na deficiência: amputação (5), cadeirante (3), problema (1), cego (1). Mas como explicaremos mais à frente no texto, durante as entrevistas que ocorreram após os vídeos, tanto as crianças que já haviam convivido quanto as que não haviam convivido com PCD - quando elas usaram termos como estes - elas falaram também sobre algumas das capacidades das PCD. Duas crianças citaram a palavra prótese, que remete à possibilidade de minimização das limitações da deficiência. Imaginamos que talvez elas tenham mencionado o termo «prótese» porque muitas das pessoas mostradas nos vídeos utilizavam este tipo de equipamento. Isto provavelmente chamou a atenção das crianças uma vez que, várias das próteses mostradas ainda não são comumente observadas no Brasil.

Das 11 crianças, seis que antes dos vídeos atribuíram palavras que focavam apenas nas características físicas e/ou nas tecnologias assistivas utilizadas por PCD, agora escreveram palavras que focam em suas potencialidades, tais como: «praticam esportes», «independentes», «respeito», «orgulho», «podem fazer tudo que imaginarem», «são pessoas como nós», «alegria» e «confiança». Duas crianças que antes escreveram «dó» e «pena» passaram a utilizar termos tais como «orgulho», «independentes», «podem fazer tudo que imaginarem» e «podem ser melhores que nós em algo». Isto, por sua vez, indica uma mudança positiva de percepção e sentimentos por parte delas em relação às PCD.

A dinâmica das cinco palavras facilitou a expressão das crianças sobre o que pensam a respeito das PCD durante as entrevistas. Esta dinâmica também propiciou que analisássemos de maneira objetiva a forma como elas pensavam antes e depois da exibição dos vídeos.

#### *Em relação à dinâmica das entrevistas*

Antes de assistirem os vídeos, as crianças revelaram que percebiam a PCD a partir de três estigmas principais: de que ela é «deficiente», «incapaz» e «coitadinha».

#### *O estigma de que a PCD é «deficiente»*

Antes de assistir aos vídeos, sete das 18 crianças centraram a sua fala nos comprometimentos das PCD.

Eu imagino uma pessoa cega, uma pessoa cadeirante, uma pessoa com alguma paralisia . . . uma pessoa que tipo não tenha uma perna, não tenha um braço e também uma pessoa que tenha problemas mentais (Gadriel, 12 anos).

Gadriel, assim como outras crianças entrevistadas, cometeu o que Amaral (1998) chamaria de «generalização indevida». Ou seja, demonstram perceber a PCD a partir de seu comprometimento e não a partir de suas outras características e/ou de seu ser como um todo. Atribui-se assim à PCD - e a outras pessoas com características que fogem de determinados padrões de normalidade - uma «identidade deteriorada» (Goffman, 1963) que tem como foco as suas diferenças e supostos problemas. Esta tendência de se utilizar critérios de normalidade e/ou desvios para a categorização e validação do outro gera a estigmatização do mesmo (Goffman, 1963; Michalko & Titchkosky, 2009).

A discriminação e estigmatização das PCD tem como fundo o modelo médico da deficiência. Este modelo pressupõe que a deficiência é um problema pessoal que precisa ser tratado pelo indivíduo com a ajuda de uma equipe médica. Ela não é vista como uma expressão da variabilidade de formas de se existir como um ser humano, mas como um desvio que precisa ser resolvido. Os modelos sociais da deficiência se contrapõem a esse entendimento. Eles reconhecem que a deficiência não é uma questão pessoal e não é um mero resultado de uma lesão ou comprometimento do indivíduo. Ela é fruto também de vários outros fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais que podem interferir com o desenvolvimento e capacidade da PCD de terem uma vida produtiva e plena (Barnes, 1992; Diniz, 2007; Gaudenzi & Ortega, 2016; Oliver & Bochel, 1991;

Shakespeare, 2014).

No caso das dinâmicas das cinco palavras, antes dos vídeos, 12 crianças escreveram 33 palavras que focavam em aspectos físicos/mentais da deficiência. Depois dos vídeos, sete crianças mantiveram um total de 14 palavras com o mesmo foco anterior aos vídeos. Houve uma redução no número de crianças e de palavras que focaram na deficiência em si. Desta vez, quando elas mencionaram a deficiência, também falaram sobre as capacidades da PCD:

Você ser cego e conseguir jogar bola! Fazer esporte de cadeira de roda! (Ingrid, 10 anos).

Tinha uma mãe. Ela não tinha os braços. E ela tinha um bebê. . . . Ela não tinha como pegar ele no colo, então como que ela fazia? Ela pegava com os pés! (Gadriel, 12 anos).

Após os vídeos, durante as entrevistas, as crianças não mais utilizaram expressões que reduziam as PCD aos supostos defeitos de seu corpo. Aparentemente estes materiais as ajudaram a notar outras características nas PCD que vão além de seus comprometimentos.

#### *O estigma de que a PCD é incapaz*

Antes de assistir aos vídeos, oito crianças revelaram pensar que as PCD são incapazes de realizar determinadas tarefas.

O cotidiano de uma pessoa que não enxerga, que não tem uma parte do corpo, ela sempre vai depender de alguém, tipo algum familiar, porque sozinha ela não vai conseguir (Gadriel, 12 anos).

A pessoa com deficiência, ela não pode fazer quase nada, nenhum esporte, nada que possa ajudar ela a melhorar (Isabel, 10 anos).

Para os entrevistados, a suposta incapacidade e dependência das PCD, inclusive para o seu autocuidado, leva os cuidadores das mesmas a uma sobrecarga de trabalho e sofrimento.

Penso que é uma situação muito difícil, porque eles, [os familiares], devem sofrer muito com isso também! Porque eles devem cuidar muito da pessoa e . . . [podem ficar sem] tempo pra fazer as coisas que eles gostam (Gadriel, 12 anos).

[Dó porque] a gente vai ter que ajudar eles . . . eu acho que é muito triste a vida [deles] (Naty, 9 anos).

Os comprometimentos das PCD e a sua suposta incapacidade são percebidas por algumas crianças entrevistadas como frutos de uma tragédia tanto pessoal quanto familiar. Elas aparentemente percebem a deficiência como algo tão traumático que as PCD seriam totalmente dependentes e incapazes de terem uma vida

produtiva. Mas conforme propõem modelos sociais da deficiência, muitas das limitações vivenciadas por PCD não são frutos de limitações pessoais. Eles são também decorrentes de condições tais como falta de acessibilidade, preconceitos, estigmas e processos de exclusão e opressão. Superadas algumas destas barreiras, elas podem ter uma vida mais plena (Campbell, 2009; Diniz, 2007; Gaudenzi & Ortega, 2016; Oliver, 2009; Wendell, 1989).

Durante a dinâmica das cinco palavras, duas crianças mencionaram a palavra «problema» mesmo após a exibição de imagens positivas de PCD. Durante as entrevistas, no entanto, elas passaram a reconhecer que as PCD, dependendo do caso podem conquistar um grau de independência e ir atrás de seus objetivos.

Depois do vídeo eu percebi mais coisas. . . . Elas podem fazer as coisas igual a gente! É claro que tem algumas que não conseguem . . . e outras que conseguem fazer algo a mais ainda (Renata, 10 anos).

Algumas pessoas são dependentes, já outras não. . . . Um piloto de corrida, ele mesmo sem as mãos, sem os braços, ele ainda continuava fazendo o que ele gostava de fazer! . . . Não é porque você não tem os braços, ou não tem a perna, você não pode desistir do que você gosta de fazer! (Gadriel, 12 anos).

Os vídeos aparentemente auxiliaram as crianças a reconhecer as potencialidades das PCD. Oito delas enfatizaram a capacidade das PCD fazerem muitas atividades que antes pensavam ser impossíveis para as PCD, como por exemplo, a possibilidade de se envolverem em práticas esportivas:

Tem as paraolimpíadas, tipo tem gente que nada melhor sem um braço do que uma pessoa que tem os dois braços e que são mais felizes fazendo isso que qualquer outra pessoa. Entende? . . . Eu vi que as pessoas eram boas no que elas faziam sem alguma parte do corpo! (Gadriel, 12 anos).

Eu achava que as pessoas com deficiência não conseguiam fazer as coisas. Só que nesse vídeo, ele mostrou que as pessoas de cadeira de rodas, que [mesmo] sendo cegas, conseguem fazer esportes! (Ingrid, 10 anos)

Após a visualização dos vídeos, as crianças demonstraram espanto e admiração diante do que as PCD podem fazer. Ou seja, o contato indireto com imagens de PCD realizando eficientemente diferentes tipos de tarefas promoveu uma mudança na percepção delas à respeito destas pessoas. A utilização de materiais mostrando PCD fazendo coisas normalmente não imaginadas, no entanto, precisa ser realizada com cautela. Vide, por exemplo, o que uma de nossas participantes

disse:

A pessoa tem que ter orgulho de ser assim e conseguir . . . nadar, dançar, . . . ela consegue fazer tudo o que ela imagina e quiser fazer! (Jamily, 10 anos).

Vídeos tais como os que mostramos podem passar a impressão de que a PCD pode de fato fazer tudo o que quiser, o que não é verdade. Conforme afirmam alguns autores, mesmo se removidas todas as barreiras ambientais e sociais, muitas PCD não têm como se tornar totalmente independentes e fazer tudo o que imaginam e querem devido ao tipo e/ou grau de comprometimento de suas deficiências seja devido à várias outras barreiras culturais e econômicas (Campbell, 2009; Diniz, 2007; Gaudenzi & Ortega, 2016; Oliver, 2009; Wendell, 1989).

### *O estigma de que a PCD é uma coitada*

Antes da exibição dos vídeos, seis crianças descreveram as PCD como coitadas:

Eu tenho dó. . . . Muito triste, muito triste. Muito tristonho, porque daí ela não pode ficar de pé para correr, e a criança não pode brincar, não tem como subir na escada, nos parquinhos. A vida deles tá triste! (Naty, 9 anos).

Imagine você sem pode enxergar nada, você sabe que você não vai enxergar até o resto da sua vida! Eu penso isso como uma coisa muito triste. . . . Ela vai ser triste porque ela não vai poder fazer certas coisas (Gadriel, 12 anos).

Sentimentos de dó e pena como expressos acima refletem o que alguns autores chamam de «estigma do coitadinho». A PCD é percebida como vítimas de um destino trágico. Ela é vista como uma coitada, uma vez que o foco é apenas na deficiência e nos supostos problemas por ela ocasionados (Hilgemberg, 2014). Este estigma degrada e desumaniza as PCD (Martins & Barsaglini, 2011).

Após a exibição dos vídeos, apenas uma criança falou da PCD como digna de pena. Mas quando ela assim o fez, ela também mencionou as capacidades e potenciais da PCD:

As pessoas ali, elas conseguem fazer tudo. . . . Dó ela ter a deficiência, mas com a deficiência ela também consegue fazer várias coisas! (Jady, 10 anos).

Os vídeos que mostramos para as crianças tiveram um impacto positivo nas percepções delas a respeito da PCD. Estes resultados são consistentes com resultados de outros estudos envolvendo adultos que haviam assistido os Jogos Paralímpicos em diferentes contextos (Darcy, 2018; Darcy & Appleby, 2011; Hodges et al.,

2014; Misener et al., 2019; Souza et al., 2020). Eles são também consistentes com os resultados da pesquisa de Coates e Vickerman (2016) que exploraram os legados dos JP de Londres junto à oito adolescentes com deficiência. Estes autores concluíram que os participantes mudaram, para melhor, a sua percepção em relação às suas próprias deficiências e capacidades.

### Considerações finais

Antes da exibição dos vídeos, quase todos os entrevistados, exceto por dois, manifestaram uma visão limitada a respeito das PCD, focada nas deficiências e/ou nas tecnologias assistivas por elas utilizadas. Eles expressaram uma percepção das PCD baseada em três estigmas principais: de que elas são «deficientes» (sete crianças), «incapazes» (oito crianças) e «coitadinhas» (seis crianças). Depois dos vídeos, todas as crianças expressaram o um entendimento mais positivo a respeito das PCD, enfatizando mais as capacidades do que as supostas limitações das mesmas. Embora isto não tenha aparecido de forma clara durante a dinâmica das cinco palavras no caso do grupo que já tinha contato com PCD, isto ficou evidente durante as entrevistas com todas as crianças.

Este estudo indica, portanto, que o contato indireto com materiais tais como os que mostramos às crianças podem proporcionar uma mudança de percepção positiva em relação aos potenciais e capacidades das PCD. Eles oferecem oportunidades de se questionar e rebater estigmas normalmente relacionados com as mesmas. No caso de nossa pesquisa, não conduzimos discussões sobre a temática com os participantes do estudo. Apenas conduzimos as duas dinâmicas, ouvindo-os atentamente e ajudando-os a explorar com profundidade as suas respostas às nossas questões. Em situações de sala de aula, no entanto, o ideal seria discutir em profundidade a temática em pauta. Dever-se-ia também tomar cuidado para não se passar a impressão de que a PCD pode fazer tudo o que quiser. Do contrário as crianças podem começar a julgar negativamente as pessoas que não conseguem ter o mesmo tipo e grau de desempenho dos atletas com deficiência. As crianças precisam saber que o aspirante a atleta e as PCD em geral precisam ter determinadas condições física e de saúde, apoio familiar, recursos financeiros, acesso a transporte, estruturas e equipamentos adaptados para que possam atingir suas metas e se desenvolver em todo o seu potencial. Isto, por sua vez, demanda a formulação e a efetiva implementação de políticas públicas que de fato

fomentem estas condições.

A estimulação do contato indireto com pessoas com deficiência se faz especialmente importante em países e localidades onde o contato direto da população com PCD ainda é escasso para grande parte das pessoas. Ressaltamos, no entanto, que este tipo de contato não pode ser encarado como uma panaceia para resolver o problema da estigmatização, discriminação e opressão destas pessoas. Mas conforme verificamos e apontam outros estudos (ex. Crisp & Turner, 2009; Pettigrew et al., 2011; Vezzali & Stathi, 2017; Vezzali et al., 2012), ele pode se constituir em um primeiro passo para a redução de preconceitos em relação às mesmas. Isto, por sua vez, poderá facilitar o contato direto com PCD quando ele vier a acontecer.

Novos estudos são necessários para verificarmos se a mudança de percepção observada nas crianças que participaram do estudo foi duradoura. Outros estudos também são necessários para verificarmos se o contato indireto com PCD se aplica a crianças, adolescentes e adultos em diferentes contextos e com diferentes perfis.

### Referências

- Allport, G.W. (1954). *The Nature of prejudice*. Cambridge: Perseus.
- Amaral, L. A. (1998). Sobre crocodilos e avestruzes: falando sobre diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In *Diferenças e preconceitos na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas* (pp. 11–30). São Paulo: Summus. Retrieved from <http://www.rogerioa.com/resources/AMARAL.pdf>
- Barnes, C. (1992). *Disabling Imagery and the Media: An Exploration of the Principles for Media Representations of Disabled People*. The British Council of Organizations of Disabled People and Ryuburn Publishing Limited. Retrieved from <https://disability-studies.leeds.ac.uk/wp-content/uploads/sites/40/library/Barnes-disabling-imagery.pdf>
- Binder, J., Zagefka, H., Brown, R., Funke, F., Kessler, T., Mummendey, A., ... Leyens, J. P. (2009). Does Contact Reduce Prejudice or Does Prejudice Reduce Contact? A Longitudinal Test of the Contact Hypothesis Among Majority and Minority Groups in Three European Countries. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(4), 843–856. <https://doi.org/10.1037/a0013470>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/https://doi.org/10.1191/>



1478088706qp063oa

- Campbell, F. K. (2009). *Contours of ableism: The production of disability and abledness*. New York: Palgrave MacMillan. <https://doi.org/10.1057/9780230245181>
- Coates, J., & Vickerman, P. B. (2016). Paralympic legacy: Exploring the impact of the games on the perceptions of young people with disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 33(4), 338–357. <https://doi.org/10.1123/APAQ.2014-0237>
- Crisp, R. J., & Turner, R. N. (2009). Can Imagined Interactions Produce Positive Perceptions? Reducing Prejudice Through Simulated Social Contact. *American Psychologist*, 64(4), 231–240. <https://doi.org/10.1037/a0014718>
- Darcy, S. (2018). The Paralympic Movement: A Small Number of Behemoths Overwhelming a Large Number of Also-Rans—A Pyramid Built on Quicksand? In I. Brittain & A. Beacom (Eds.), *The Palgrave Handbook of Paralympic Studies* (pp. 218–246). London: Palgrave Macmillan.
- Darcy, S., & Appleby, L. (2011). Sydney 2000: Moving from Post-Hoc Legacy to Strategic Vision and Operational Partnerships. In D. Legg & K. Gilbert (Eds.), *Paralympic Legacies* (pp. 75–98). Champaign: Common Ground. Retrieved from [http://www.academia.edu/1404470/Sydney\\_2000\\_Moving\\_from\\_Post-Hoc\\_Legacy\\_to\\_Strategic\\_Vision\\_and\\_Operational\\_Partnership](http://www.academia.edu/1404470/Sydney_2000_Moving_from_Post-Hoc_Legacy_to_Strategic_Vision_and_Operational_Partnership)
- Dilshad, R. M., & Latif, M. I. (2013). Focus group interview as a tool for qualitative research: an analysis. *Pakistan Journal of Social Sciences (PJSS)*, 33(1), 191–198. <https://doi.org/10.11975/j.issn.1002-6819.2018.07.030>
- Diniz, D. D. (2007). *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense. Retrieved from [http://www.museusaccessiveis.com.br/arquivosDown/20190204153017\\_o\\_que\\_c©\\_deficiencia-\\_dc©bora\\_diniz.pdf](http://www.museusaccessiveis.com.br/arquivosDown/20190204153017_o_que_c©_deficiencia-_dc©bora_diniz.pdf)
- Dovidio, J. F., Eller, A., & Hewstone, M. (2011). Improving intergroup relations through direct, extended and other forms of indirect contact. *Group Processes and Intergroup Relations*, 14(2), 147–160. <https://doi.org/10.1177/1368430210390555>
- Ellis, K., & Goggin, G. (2015). *Disability and the media*. London: Palgrave Macmillan.
- Gaudenzi, P., & Ortega, F. (2016). Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3061–3070. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.16642016>
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon & Schuster. <https://doi.org/10.2307/2575995>
- Hilgemberg, T. (2014). Primeiro o esporte, depois a deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012. In *Intercom* (pp. 1–15). Foz do Iguaçu: Intercom. Retrieved from <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>
- Hodges, C. E. M., Jackson, D., Scullion, R., Thompson, S., & Molesworth, M. (2014). *Tracking changes in everyday experiences of disability and disability sport within the context of the 2012 London Paralympics*. Bournemouth. Retrieved from <http://eprints.bournemouth.ac.uk/21596/1/ParaReport.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Campina Grande do Sul*. Rio de Janeiro. Retrieved from <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/campina-grande-do-sul/panorama>
- Kearney, S., Brittain, I., & Kipnis, E. (2019). «Superdisabilities» vs «disabilities»? Theorizing the role of ableism in (mis)representational mythology of disability in the marketplace. *Consumption Markets & Culture*, 1–23. <https://doi.org/10.1080/10253866.2018.1562701>
- Kirakosyan, L. (2016). Promoting disability rights for a stronger democracy in Brazil: The role of NGOs. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 45(0489), 114S-130S. <https://doi.org/10.1177/0899764015602129>
- Maika, M., & Danylchuk, K. (2016). Representing Paralympians: The ‘other’ athletes in Canadian print media coverage of London 2012. *International Journal of the History of Sport*, 33(4), 401–417. <https://doi.org/10.1080/09523367.2016.1160061>
- Marques, R. F. R. (2016). A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. *Revista USP*, (108), 87. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p87-96>
- Martins, J. A., & Barsaglini, R. A. (2011). Aspectos da identidade na experiência da deficiência física: Um olhar socioantropológico. *Interface: Communication, Health, Education*, 15(36), 109–121. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000043>
- Michalko, R., & Titchkosky, T. (2009). *Rethinking normalcy: A disability studies reader*. Toronto: Canadian Scholars’ Press.
- Misener, L., McPherson, G., McGillivray, D., & Legg,

- D. (2019). *Leveraging disability sports events, impacts, promises, and possibilities*. Abingdon: Routledge. Retrieved from <http://weekly.cnbnews.com/news/article.html?no=124000>
- Oliveira, A. P.V. de, Poffo, B. N., & Souza, D. L. (2018). «É melhor ser super-herói do que ser a vítima: um estudo sobre a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a cobertura midiática. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 24(4), 1179–1190. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.84237>
- Oliver, M. (2009). *Understanding disability: from theory to practice* (2nd ed.). London: Palgrave MacMillan.
- Oliver, M., & Bochel, H. M. (1991). The Politics of Disablement. *International Journal of Rehabilitation Research*, 14(2), 185. <https://doi.org/10.1097/00004356-199106000-00012>
- Ortiz, M., & Harwood, J. (2007). A social cognitive theory approach to the effects of mediated intergroup contact on intergroup attitudes. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 51(4), 615–631. <https://doi.org/10.1080/08838150701626487>
- Park, S.Y. (2012). Mediated Intergroup Contact: Concept Explication, Synthesis, and Application. *Mass Communication and Society*, 15(1), 136–159. <https://doi.org/10.1080/15205436.2011.558804>
- Parker, R. (2012). Stigma, prejudice and discrimination in global public health. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(1), 164–169. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2012000100017>
- Pereira, R. (2007). Anatomia da diferença: uma investigação teórico-descritiva da deficiência à luz do cotidiano. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14(3), 1088–1088. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702007000300026>
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(5), 751–783. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.5.751>
- Pettigrew, T. F., Tropp, L. R., Wagner, U., & Christ, O. (2011). Recent advances in intergroup contact theory. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(3), 271–280. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2011.03.001>
- Phelan, J. C., Link, B. G., & Dovidio, J. F. (2008). Stigma and prejudice: One animal or two? *Social Science and Medicine*, 67(3), 358–367. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2008.03.022>
- Poffo, B. N., Velasco, A. P., Kugler, A. G., Furtado, S., Dos Santos, S. M., Fermino, A. L., & De Souza, D. L. (2017). Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: investigando estigmas na cobertura jornalística da Folha de S. Paulo. *Movimento*, 23(4), 1353–1366. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.67945>
- Schiappa, E., Gregg, P. B., & Hewes, D. E. (2005). The parasocial contact hypothesis. *Communication Monographs*, 72(1), 92–115. <https://doi.org/10.1080/0363775052000342544>
- Shakespeare, T. (2014). *Disability rights and wrongs* (2nd ed.). London: Routledge. <https://doi.org/10.7748/ns2007.04.21.33.30.b608>
- Silva, C. F., & Howe, P. D. (2012). The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. *Journal of Sport & Social Issues*, 36(2), 174–194. <https://doi.org/10.1177/0193723511433865>
- Souza, D. L., Marques, A. M., & Fermino, A. L. (2020). Paralympic Games: the experience with «the other» through the screens. *Journal of Physical Education*, 31, 1–9. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3170>
- Souza, D. L. de, & Brittain, I. (2020). The Rio 2016 Paralympic Games/ : The Visibility of People With Disabilities in Brazil as a Possible Legacy. *Communication & Sport*, 1–20. <https://doi.org/10.1177/2167479520942739>
- Tropp, L. R. (2005). Stigma and intergroup contact among members of minority and majority status groups. *Stigma and Group Inequality: Social Psychological Perspectives*, 16(12), 171–191. <https://doi.org/10.4324/9781410617057>
- Vezzali, L., & Stathi, S. (2017). *Intergroup contact theory. Recent developments and future directions. Intergroup contact theory*. London: Routledge. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Vezzali, L., Stathi, S., & Giovannini, D. (2012). Indirect contact through book reading: Improving adolescents' attitudes and behavioral intentions toward immigrants. *Psychology in the Schools*, 49(2), 148–162. <https://doi.org/10.1002/pits>
- Wendell, S. (1989). Towards a feminist theory of disability. In S. Sherwin & B. Parish (Eds.), *Women, Medicine, Ethics and the law* (pp. 104–124). Routledge.

